

DEICÍDIO

ANTONIO C. D. JUNIOR

DEICÍDIO

LIVRO UM

✦ OS PECADOS DE OFÉLIA ✦



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2022

Copyright © Antonio C. D. Junior, 2021

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Bianca Gulim

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Jadna Alana

ANÁLISE CRÍTICA
Márcio Zanini

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

CAPA
Henrique Morais

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Junior, Antonio C.D.
Deicídio, os pecados de Ofélia / Antonio C. D. Junior – 1ª edição –
São Paulo: Coerência, 2021

ISBN: 978-65-89850-28-1

1. Ficção brasileira 2. Fantasia urbana I. Título

CDD: 869.3



Rua Coronel Leme, 43
Centro | Bragança Paulista | SP
12.900-340
www.editoracoerencia.com.br

Prólogo

A NECRÓPOLE

Ó, minha querida e Doce Ofélia, estou lhe escrevendo mais uma vez, pois sinto a sua falta... Entretanto, esta pode ser a última vez que seus lábios sedosos irão ler as minhas palavras, afinal meus irmãos e eu iremos mais uma vez para a guerra. Por que temos de fazer isso? Fomos criados para ajudar os humanos? Me parece que somos apenas máquinas de guerra utilizados somente para realizar os desejos deles! Ainda por cima uma parte das pessoas acha que somos assassinos. Você acredita nesse absurdo, minha amada? Não se deixe levar pelos meus devaneios... Espero que você esteja bem. Assim que toda essa baboseira terminar, vou a encontrar e nunca mais seremos separados. Isso eu prometo!

Com amor...

A parte da carta que continha o nome do autor estava rasgada, tornando-se um enigma. O homem que a tinha encontrado procurou por perto, mas não achou o pedaço faltante.

— Confesso que fiquei curioso sobre o autor desta carta — disse o homem para uma mulher que estava próxima, revirando alguns destroços do que parecia ser uma casa.

Ela se virou para ele e o repreendeu:

— Isso não importa. — Voltou-se mais uma vez para os destroços. — Me ajude aqui.

O homem utilizava uma camisa preta e uma calça de mesma cor, seu rosto estava coberto por uma balaclava e apenas os seus olhos eram visíveis; em suas mãos carregava uma arma bastante semelhante a um fuzil e nos bolsos de sua calça havia algumas facas e munições.

A mulher trajava uma roupa semelhante, porém em vez de um fuzil carregava um arco e uma aljava com flechas, que estavam pendurados em suas costas.

— O que exatamente você está procurando?

Abaixou-se próximo a ela para poder observar os destroços.

— Qualquer coisa que nos dê alguma pista de onde está a relíquia — respondeu a mulher enquanto revirava alguns tijolos. — Acho que vamos ter de adentrar na cidade.

— Confesso que esse cenário não me motiva, mas vamos lá.

— Pare de reclamar — resmungou. — A vida dos caçadores de tesouro sempre foi assim. Vamos.

Os dois seguiram pela rua principal que cortava a cidade, ou o que havia sobrado dela. Todas as construções e edifícios estavam destruídos e resumidos a escombros, poeira e entulho.

A cidade não era grande e ficava em uma região isolada dentro do território de Sepheria. Boatos corriam que em tempos remotos diversas guerras e batalhas assolaram aquela região, milhares de pessoas perderam as suas vidas e assim dezenas de histórias envolvendo estes mortos e as batalhas circulavam na boca dos viajantes e habitantes da região por centenas de anos.

Os piores boatos eram aqueles sobre maldições e destinos cruéis lançados sobre aqueles que inventavam de se aventurar por aquelas terras; mortes horríveis, criaturas monstruosas e desaparecimentos.

— Você lembra o nome desta cidade? — questionou o homem, tentando puxar assunto ao mesmo tempo que avançavam pela rua central.

Ele mirava a sua arma em qualquer direção, temendo que inimigos pudessem vir.

— Isso não é hora para conversamos. Temos de estar atentos.

— Qual foi? Seja sincera comigo — insistiu, olhando para ela. — Não acha mesmo que se tivesse algo aqui já não teríamos sido atacados?

— Sou obrigada a concordar. — A mulher estava com seu arco em mãos e mirava na linha do horizonte. Assim que respondeu o seu companheiro, abaixou o arco e perdeu um pouco da sua postura defensiva. — Nör, se não me engano. Esse era o nome.

— Sim. — O companheiro também abaixou a sua arma e relaxou. — Um nome cercado de lendas; dizem que um deus foi morto aqui por uma pessoa que era conhecida como deicida e que existe uma cidade subterrânea logo abaixo desta. Ela é regida por uma criatura desconhecida.

A mulher riu e depois comentou:

— Até parece que coisas assim existem. São apenas histórias para afastar pessoas como a gente.

— Eu que não vou querer descobrir — afirmou em um tom brincalhão.

Ao chegarem na parte central de Nör, o cenário começou a mudar e a ficar mais tenebroso e horripilante. Tinha-se bem ao centro uma elevação de concreto que era rodeada por escadas. Ao redor desta havia diversos pilares com dezenas de estátuas que representavam figuras monstruosas as quais a dupla de caçadores não reconhecia.

Eles voltaram a assumir a postura defensiva, deixando suas armas preparadas, e subiram as escadas que ficavam de frente para eles. Ao chegarem em cima da elevação, observaram que no centro dela havia algo similar a um altar e que este era coberto por diversos desenhos, diagramas e palavras em uma língua desconhecida. Os detalhes continuavam até o chão e seguiam em direção aos pilares das estátuas.

Um detalhe peculiar saltava aos olhos dos caçadores: a quantidade de sangue seco que cobria boa parte do altar e da elevação.

Muito sangue.

— Isso, sim, é bizarro — observou a mulher, aproximando-se cautelosamente do altar.

A dupla ficou diante da estrutura. Enquanto a mulher investigava os desenhos, o homem ficou de guarda, atento a qualquer movimentação estranha que pudesse ocorrer nos arredores. Ela passava os dedos pelos desenhos e gravuras, no entanto não encontrou nada que pudesse ser uma pista.

— São apenas enfeites. Nada que indique um compartimento secreto ou abertura.

— Este local é macabro demais para não ter nada secreto. — O homem olhou na direção do altar. — E todo esse sangue aí?

— Não sei. O palpíte mais provável é de algum ritual antigo que as pessoas faziam.

Ela passou um de seus dedos no sangue e em seguida o cheirou.

— Então viemos até aqui para nada?

— Isso é o que vamos descobrir.

A mulher se abaixou diante do altar para observar melhor as gravuras, em seguida retirou a balaclava que cobria a sua face, revelando um rosto cheio de cicatrizes; seus olhos eram castanhos e seu cabelo possuía uma cor parecida, além disso eles eram curtos e batiam na altura de seus ombros.

— Ficou louca? Não podemos mostrar o rosto!

— Relaxe. Se tiver alguma coisa viva aqui com certeza não vai ser humana — assegurou, passando a mão pelas gravuras até que um ponto de interesse chamou a sua atenção: ao centro havia a gravura de uma flor rodeada por raízes.

A mulher passou seu dedo pela flor e em seguida pelas raízes; assim que fez esse segundo movimento um barulho de clique foi ouvido e uma espécie de espinho metálico saiu de dentro do altar e atingiu o dedo dela, perfurando-o.

O dedo começou a sangrar, e uma parte do líquido entrou em contato com o altar; a mulher caiu sentada no chão e se afastou um pouco.

— Caralho! — ela resmungou.

Antes mesmo que pudessem fazer alguma coisa, um barulho de terra se movendo preencheu o local, e a dupla, que estava paralisada, observou o altar se mover para trás e relevar uma escada que levava para uma passagem subterrânea.

Entreolharam-se, mas nenhum teve coragem de tomar alguma ação, até que a mulher resolveu falar:

— Já chegamos até aqui... Vamos.

Ele concordou com um sinal de cabeça e assim a dupla desceu as escadas em direção à escuridão desconhecida. Conforme avançavam, as luzes do local iam se acendendo como se estivessem os convidando para o seu âmago. A escada era feita de terra batida e circundava uma espécie de câmara, tendo assim inúmeros degraus até chegar ao solo.

Lá em baixo, o cenário que se podia ver era bizarro e medonho, algo que beirava a insanidade e chegava a ser doentio. Era como se os caçadores estivessem adentrando um pesadelo vívido.

Ao longo de toda a câmara havia diversas valas cheias de esqueletos humanos, em frente a cada uma delas uma espécie de poste de luz com diversas ramificações iluminava o buraco logo abaixo, porém o poste era feito com algo que se assimilava à carne humana e as suas lâmpadas se pareciam com olhos. Todo o chão e teto eram cobertos por uma espécie de matéria escura, algo que tinha um aspecto bastante semelhante ao ferro, mas que passava a sensação de que estava de alguma forma vivo. Além disso, em alguns pontos específicos havia espinhos e pequenos bolsões que se pareciam com casulos.

Tinha-se, em alguns espaços próximos as covas, grandiosos mausoléus e túmulos, todos feitos com material escuro semelhante ao da parede e que possuíam diversas decorações, como estátuas, armas e representações de objetos.

No centro da câmara existia uma gigantesca árvore que se estendia até o teto, porém não possuía folhas e galhos, apenas o tronco e as raízes. Além disso, também aparentava ser feita com aquele material estranho. No meio da árvore havia uma abertura e dentro dela, um espaço semelhante a uma sala de estar, contudo devido à distância a dupla de caçadores não conseguia distinguir o que jazia em seu interior.

Eles chegaram até o último andar da escadaria e mesmo estando relutantes começaram a andar por entre as covas. A dupla avançava com a maior cautela possível, todavia era impossível se manter focado naquele ambiente.

– Ei, tenho a impressão de que conforme a gente anda aqueles olhos ficam nos observando – comentou o homem, mirando a sua arma em direção às lâmpadas.

– É coisa da sua cabeça. Continue andando.

— Ranzinza como sempre.

— Ranzinza, não. Focada.

O caçador estava desconfiado, entretanto a mulher continuava caminhando determinada a chegar na árvore. Ele não sabia dizer se de fato estava focada ou se apenas tentava disfarçar o seu medo e apreensão.

Quando passaram por um dos gloriosos túmulos, o homem parou para observar alguns detalhes. O nome do falecido estava em uma língua desconhecida, todo o túmulo era feito de matéria negra e com detalhes talhados em ouro. Entre esses detalhes estava a estátua de um anjo lutando contra o que parecia ser uma mulher segurando uma flor. Além disso, havia pequenas imagens de criaturas menores.

O caçador achou aquilo estranho, mas continuou a caminhar.

Assim que se aproximaram da árvore, a caçadora parou subitamente e o homem acabou trombando com ela.

— Ei, olhe por onde anda!

— Fique quieto e olhe ali — alegou, apontando para o centro da árvore.

O homem olhou para a direção apontada e viu as coisas que estavam além da abertura. Ali dentro havia objetos semelhantes a móveis como mesas, cadeiras e estantes, porém todos eram feitos daquele material negro. No centro da abertura, tinha-se um pedestal com uma caixa de vidro em cima dele.

Dentro da caixa estava o objeto de que os caçadores estavam atrás: a relíquia.

Era um coração feito de ferro vermelho e circulado por uma espécie de chicote metálico com alguns espinhos em sua superfície.

— A relíquia... — comentou o homem deslumbrado com o que estava vendo.

— Cuidado. Pode ser uma armadi...

Antes que a mulher terminasse de falar, o caçador deu alguns passos em direção à árvore e uma armadilha invisível passou por ele, cortando os seus braços e a sua arma.

O sangue jorrou em todas as direções, inclusive em sua companheira, e ele gritava de dor e desespero. A mulher hesitou em se aproximar para ajudar, com medo de ser a próxima vítima.

Entretanto, não teve tempo para pensar, pois, assim que fez menção de ajudar o seu companheiro, uma voz estrondosa, fria e ao mesmo tempo calma se fez ouvir na câmara:

— Por que os humanos são sempre tão tolos?

A caçadora olhou em várias direções em busca da voz, todavia não encontrou ninguém. Dois detalhes chamaram a sua atenção: de fato as lâmpadas estavam olhando para eles e agora conseguia enxergar milhares de rostos nas paredes e no chão.

Assim que a mulher voltou a fitar a abertura da árvore, uma figura humanoide surgiu em frente ao pedestal; a figura era bastante alta e passava dos três metros de altura, tinha uma silhueta esguia e aparentava estar utilizando um sobretudo por cima do que parecia ser uma armadura.

Acima da sua cabeça estava uma coroa e nela algumas protuberâncias que se assimilavam a espinhos. Seu rosto não possuía feições e era negro, assim como o restante do seu corpo, que era coberto pelo material escuro. Pelo resto do seu corpo havia faixas que ficavam ao redor de seu sobretudo e membros. A mulher podia ver o brilho semelhante a uma lâmina vindo de alguma das faixas.

Foi isso que cortou os braços dele, pensou.

Entretanto, o que mais chamou a atenção foi que a criatura não possuía olhos.

— Me diga, ser inferior, qual o motivo de ter vindo até esta humilde necrópole? Perturbar o sono dos mortos?

A mulher não conseguiu evitar que seu olhar fosse atraído pela relíquia, mas antes que pudesse falar da câmara irrompeu o grito desesperado do homem:

— Socorro! Meus braços! Alguém me ajude!

A companheira dele não conseguia encarar a cena, porém mesmo que tentasse ajudar o destino dele já havia sido definido.

— Cale-se! — gritou a criatura, levantando a mão direita.

Assim que a coisa berrou, o chão embaixo do homem começou a se mover e em seguida foi engolido pelo solo, desaparecendo enquanto gritava pela sua vida.

A caçadora tentou puxar o seu companheiro de volta, mas se lembrou do que acontecera com ele ao atravessar aquela linha invisível e ficou parada em seu lugar espumando de raiva, todavia sentia o medo e o pavor crescendo dentro de si.

— Seus olhos fitaram a minha relíquia. — A voz da criatura ressoou pela câmara, e a mulher se voltou para ela. — Esse é o seu motivo?

— Quem sabe?

A caçadora não sabia de onde havia tirado coragem para responder, contudo por apenas um momento sentiu todo o medo sair do seu corpo. Assim, pegou o arco, preparou uma flecha e a disparou em direção à criatura.

Logo que a flecha entrou na abertura da árvore, ela foi cortada ao meio com uma velocidade alta.

— É lamentável que um talento como você será desperdiçado nesta câmara. — A criatura apontou a sua mão na direção da abertura em que a dupla de caçadores entrara. — Assim como tantos outros tolos que vieram atrás desse objeto. — A abertura começou a se fechar; o barulho ecoando pela sala. — Nör será a sua nova casa. — Assim que a mulher viu a passagem se fechando, saiu correndo em direção à escada. Mesmo sabendo que tentar fugir era inútil aquela foi a primeira vez que o medo e o temor por sua vida tomaram conta do seu ser por completo. — É inútil correr — comentou, caminhando para dentro da árvore. — O paraíso vem com um preço. Se está pronta para pagá-lo, vai depender somente de você, pessoa sem nome.

Conforme a mulher corria, dezenas de mãos negras saíram do chão e começaram a segurar o seu corpo e a puxá-la para dentro do chão. Por mais que lutasse com todas as suas forças para conseguir se livrar, o esforço aos poucos foi parecendo inútil e sem sentido.

As mãos subiram pelo seu corpo e foram tomando cada centímetro dele para si. Os movimentos dela começaram a ficar mais lentos, até que não conseguia se mover. Como um último ato desesperado, a caçadora estendeu a sua mão em direção ao teto como se esperasse que alguma divindade viesse salvá-la. A única coisa que sentiu foram as lágrimas quentes rolando pelo seu rosto.

— Mamãe... soc...

A mulher afundou em um mar de escuridão antes mesmo que pudesse terminar o seu último suspiro.

1

CAIA EM MEU MUNDO

Lucy

O cheiro de sangue era muito forte no local, a podridão da morte começava a se fazer presente devido aos vários corpos que ali jaziam. As sirenes do alarme tocavam sem parar, e a fumaça dos aparelhos eletrônicos destruídos enchia o ar com um cheiro metálico.

A cobaia olhou para as suas mãos ensanguentadas e observou os vários corpos espalhados pelo chão; todos mortos e dilacerados. Aquelas pessoas vestidas de branco foram cortadas da forma mais horrenda que podia imaginar, seus membros e vísceras voaram para todos os lados, criando um cenário de pura carnificina.

Lucy não sentia nada, apenas nojo do sangue que havia se espalhado pelo seu corpo, principalmente seus cabelos. Estes eram castanho-claros, longos e lisos, mas agora estavam pintados de carmim. Aparentava ter por volta dos dezoito anos de idade, tinha cerca de um metro e sessenta de altura e por volta de cinquenta a sessenta quilos, seus olhos eram âmbar e estava vestindo apenas roupas de baixo.

Gritos soavam próximos, provavelmente eram os guardas se aproximando com suas armas de fogo e truques inúteis. Ela caminhou por entre os corpos dilacerados, passando pelas inúmeras máquinas e tubos que a atormentaram por anos, que agora, no entanto, estavam todas destruídas e inutilizáveis.

Lucy escutou a porta da sala se abrindo e alguns passos se sucederam a esse acontecimento. Cerca de quatro guardas adentraram o local. Havia um gerador que era utilizado para a energia da sala de experimentos. Aproximou-se do aparelho e usou uma das lâminas que podia evocar para destruí-lo, causando um blecaute na sala.

Ela conseguia escutar o que os guardas conversavam entre si: “O que foi isso?”, “Onde está ela?”, “Vamos invadir em duplas!”, porém nada disso importava, todos seriam mortos por suas lâminas.

Lucy se escondeu entre dois tanques e observou a movimentação dos primeiros guardas para que o assassinato fosse realizado de forma rápida e imperceptível para outros. Eles estavam em alerta, mas a tensão do medo era perceptível a metros de distância.

Ativou duas lâminas, uma em cada mão, uma para cada guarda.

Os dois passaram próximo ao esconderijo e ficaram de costas, a posição perfeita para realizar o plano de emboscada. Lucy caminhou até ficar poucos centímetros atrás e soltou uma leve risada para fazer com que eles se virassem. Assim que o fizeram, as lâminas se cravaram em seus tórax. Nem mesmo a proteção que usavam era páreo para o poderio dos ataques da cobaia.

Quando ela retirou as armas, o sangue jorrou de seus corpos e escorreu por suas bocas, pintando aquele pedaço da sala. Os corpos caíram no chão com um baque que ecoou pelo recinto devido aos pesados equipamentos que carregavam. Tiros não demoraram a voar naquela direção, vindos dos outros guardas que estavam correndo pelo mesmo corredor pelo qual os primeiros haviam passado momentos antes. Eles voltaram a abrir fogo, mas a morte correu na direção deles e cortou as suas gargantas.

Mais uma vez, Lucy não sentia nada pela morte daquelas pessoas, somente nojo dos seus fluidos impregnados em seu corpo.

A cobaia saiu da sala. Esta que foi a fonte de seu ódio durante anos; o cheiro metálico, as roupas brancas, as pranchetas com anotações e o barulho das máquinas ficariam em sua mente para sempre. Ao passar pela porta, olhou para trás e viu uma placa de metal que sempre a incomodara, nela estava escrito: Cobaia 4578 - Lucy.

Desde que a garota se lembrava estava confinada nas instalações daquele laboratório, tudo o que sabia sobre o mundo lá fora era o que as pessoas de branco haviam lhe ensinado; isso se estivessem falando a verdade. Havia aprendido que existiam milhares de pessoas diferentes espalhadas ao redor do mundo e que eram divididas em territórios controlados por uma espécie de cidade-estado, cada qual com suas particularidades. Também tinha aprendido sobre a natureza, animais, plantas, rios, mares, montanhas, desertos, geleiras, entretanto boa parte disso acabara se modificando com o passar dos anos.

Segundo às pessoas de branco, os humanos haviam travado uma guerra entre eles mesmos e outra espécie da qual Lucy não se recordava o nome. Esse acontecimento ficara conhecido como a Guerra do Deicídio, na qual a humanidade fora levada à beira da extinção. Após a guerra, os territórios acabaram ficando bastante definidos e intocados desde então.

Com uma de suas lâminas, cortou a placa em vários pedaços. Lucy não sabia ao certo o que eram aqueles números inscritos naquele pedaço de metal, todavia suspeitava de que representava quantos seres humanos acabaram passando pelo mesmo experimento. Se estavam vivos ou não era um completo mistério.

“Lucy” era como a chamavam.

Seria esse um nome dado por eles? Seria o meu nome verdadeiro? Alguma mulher, que eles chamavam de “mãe”, havia dado esse nome?

Eram perguntas sem respostas.

Para falar a verdade, a cobaia não sabia de fato o que realmente era, as pessoas de branco haviam dito que podia se considerar uma humana, mas ela se sentia diferentes deles. Aquelas pessoas do laboratório se apegavam umas às outras, choravam e sorriam por coisas fúteis, tinham os mais variados sentimentos e sofriam das mais diversas doenças. Por sua vez, ela não sentia nada disso e nem sequer sabia o que era ficar doente. Tudo o que vinha em sua mente desde quando se recordava consistia em uma vontade enorme de ser livre e um estranho instinto assassino contra qualquer coisa que fosse diferente.

Lucy começou a caminhar pelo extenso corredor que ficava de frente para a sala, foi arranhando a parede com a lâmina enquanto assobiava na

tentativa de atrair os guardas para a morte certa, uma vingança pelos anos em cárcere. Aquele corredor estava recheado de portas que levavam aos mais diversos locais; ela sabia que a sala de experimentos ficava no centro da instalação. Devido aos anos passados tinha noção para onde deveria ir.

Não demorou muito para os alarmes daquela região soarem, as portas foram se abrindo e dezenas de guardas invadiram o corredor. Estes isolaram Lucy na passagem e se amontoaram à sua frente e na retaguarda; suas armas estavam apontadas para Lucy, mas nenhum deles atirou, era como se estivessem esperando uma ordem.

Uma voz começou a ecoar pelos alto-falantes presentes no corredor:

— Lucy, pare com isso, volte pacificamente para a sua sala e não vamos utilizar força. — Era uma voz feminina a qual a cobaia sabia a quem pertencia. — Você tem dez segundos para se render — acrescentou a mulher. Lucy mirou com o canto dos olhos para os homens que estavam atrás, uma aura de tensão emanava deles. Tinham conhecimento do que havia acontecido com os outros. — Nove, oito, sete... — contou a mulher.

Lucy pensou em um plano para escapar, até conseguiria matar todos os guardas, mas isso consumiria toda a sua energia.

Levantou as suas mãos, mostrando que não tinha intenção de resistir, e alguns guardas se aproximaram para prendê-la, porém, quando estavam próximo o suficiente, as lâminas foram ativadas e cortaram a garganta dos que estavam mais perto.

O espanto deles foi geral. Aproveitando-se desses segundos de hesitação a cobaia avançou, abrindo caminho até a porta mais próxima. Durante o trajeto matou cerca de três guardas, chegando ao seu objetivo.

Como Lucy tinha imaginado, a porta levava até o refeitório. Os disparos e gritos não demoraram a aparecer e ela foi desviando de todas as balas, dançando entre as mesas. O lugar estava vazio e facilitou a sua movimentação; o refeitório era grande, possuía várias mesas de metal, e a cozinha ficava no fundo da sala.

Lucy correu até o outro lado do local, no qual havia uma porta dupla de metal. Os tiros começaram a se intensificar e o barulho de vários

guardas entrando pela porta encheu o ambiente. Ela alcançou a porta de metal, no entanto para a sua surpresa estava trancada.

As opções de Lucy se resumiram a aniquilar os guardas. Por mais que a porta fosse destruída seria inevitável que um combate acontecesse, já que não gostaria que os guardas a seguissem. Virou-se para encará-los, a hesitação e a tensão dos guardas eram quase palpáveis, mas nenhum deles iria recuar. Lucy decidiu se transformar naquilo que eles haviam criado, uma máquina de matar.

Após o combate, cerca de dez guardas jaziam no refeitório.

O alarme havia parado de soar, provavelmente os guardas que sobraram estavam receosos de avançar em Lucy ou receberam ordens para recuar. Os cientistas e outros funcionários já deviam ter batido em retirada; a energia havia sido cortada por completo e o complexo, desabilitado pelos fugitivos, entretanto ela sabia que eles estavam planejando alguma coisa para evitar que a fuga fosse concluída.

Lucy foi caminhando por entre os membros dilacerados e corpos sem o brilho dos olhos até chegar à porta dupla de metal, que de certa forma era a culpada por eles terem perdido as suas vidas. Cortou a porta em incontáveis pedaços e avançou para a nova sala.

A cobaia se recordava do que existia além daquela sala: uma escada que levava para um lugar que tinha sido o seu refúgio durante anos.

Atravessou o recinto o mais rápido que conseguia, indo para o local em que ficava a escada de metal que levava até uma sala chamada de observatório.

Lucy subiu a escada, aproveitando-se de cada segundo para descansar um pouco. Chegando no último degrau era possível observar um pequeno corredor em frente à escada que levava a uma porta simples de vidro branco com tons azulados. Foi em direção à porta até ficar diante dela; estranhas sensações começaram a percorrer o seu corpo, talvez fosse a parte humana que ainda restava em seu interior, parte que se apegava às memórias daquela sala.

A cobaia colocou a mão na fria maçaneta de vidro branco e a girou.

O observatório era um enorme salão que ficava no ponto mais alto das instalações, suas paredes e janelas eram feitas de vidro transparente

para que o visitante conseguisse olhar o céu estrelado. No meio do salão existia uma grande piscina de águas quentes, para a qual Lucy costumava escapar durante as noites e ficar boiando durante horas encarando aquele céu estrelado e imaginando como seria a vida fora daquele laboratório.

Não sabia dizer o motivo da existência daquele salão, entretanto deduzia que fora construído antes mesmo do próprio laboratório.

Caminhou até a piscina e quando chegou nela foi imergindo seu corpo aos poucos até ficar com apenas a cabeça de fora, em seguida começou a boiar como costumava fazer. Ela nunca havia visto um céu tão bonito como o daquela noite, era como se pudesse ficar ali para sempre; então deixou que a água limpasse a sua pele suja do sangue oriundo dos guardas, pessoas que eram fracas e impotentes e que só conseguiam se aproveitar dela por estar incapacitada de agir.

A garota ficou imaginando as histórias que havia aprendido e escutado sobre as antigas guerras, ficava se perguntando o que as principais pessoas por detrás daqueles acontecimentos estavam pensando.

Queriam dinheiro? Poder? Influências?

Talvez a ganância tenha sido o principal motivo para que eles causassem tanto dano aos seus semelhantes, talvez por conta disso pararam de admirar o céu à noite.

A água da piscina foi limpando o sangue do corpo de Lucy, o calor da água assomado à visão do céu estrelado acabou levando a sua consciência aos poucos, até que acabou adormecendo.

Estranhas imagens começaram a surgir em sua mente: uma mulher de cabelos pretos entregando uma criança para uma das pessoas de branco, e um homem misterioso a acompanhava, mas Lucy não conseguia captar suas feições. A mulher chorava enquanto era confortada pelo homem, a pessoa de branco agradeceu e se retirou com a criança, que deveria ter por volta de sete anos de idade.

Outra situação que veio à sua cabeça foi dessa mesma mulher brincando com a criança em um parquinho. Ela a empurrava em um balanço de madeira, em seguida foi com a criança em um escorregador e isso se repetiu com os demais brinquedos, porém uma coisa deixou Lucy curiosa:

o olhar da mulher era triste, muito triste, e estava distante. Era como se soubesse que algo ruim aconteceria.

Lucy acordou como se alguém a tivesse puxado para fora daquele sonho estranho; *ou seriam memórias?* Parou de boiar e foi nadando para a borda da piscina.

A garota subiu a pequena escada submersa. Ao chegar no piso, a água começou a escorrer e junto com ela o pouco sangue que restava em sua pele. O cabelo molhado começou a incomodá-la e uma brisa a fez sentir calafrios. Foi então que se lembrou de que estava usando apenas o que as pessoas de branco chamavam de roupas de baixo. Nesse momento, decidiu procurar por alguma roupa e depois sairia de vez do laboratório. Aquele momento que gastara para viver as suas últimas memórias em seu lugar favorito havia consumido tempo demais.

Caminhou até a porta de vidro branco e colocou mais uma vez a mão no material frio e morto. Nesse momento um estrondoso barulho de vidro quebrando a deixou em estado de alerta.

Virou-se para ver o que tinha acontecido, um dos vidros do observatório havia sido destruído e diante dele estava uma criatura em pé a encarando.

A criatura era feita de escuridão, possuía grandes espinhos negros saindo de suas costas e seus olhos eram vermelhos como sangue. Mesmo sendo difícil de enxergar detalhes, dava para perceber que a criatura tinha uma forma humanoide semelhante à de uma mulher.

Ela sacou uma lâmina, que era idêntica as que a cobaia utilizava, e avançou para cima da garota. Lucy, por sua vez, estava um pouco surpresa com a situação, mas conseguiu desviar a tempo, antes que a lâmina a acertasse. A força do ataque da criatura foi tanta que a porta de vidro branco atrás de Lucy se estilhaçou em milhões de pedaços.

No momento em que Lucy desviou, conseguiu escutar algo familiar saindo da criatura.

He, he, he.

Era a mesma risada que Lucy utilizara para chamar a atenção dos guardas.

Lucy se afastou alguns passos da criatura para poder observar e analisar melhor a situação, entretanto a criatura se virou e começou a reproduzir os

movimentos da garota. Seu corpo tinha a forma de um humano do sexo feminino, possuía seios médios e o quadril estreito e também tinha cabelos lisos e longos, porém tudo estava coberto por alguma coisa escura, como se fosse um exoesqueleto.

– Mas que merda é essa? – perguntou Lucy, esperando alguma resposta.

A criatura encarou Lucy depois de ouvir as palavras saindo da boca dela, suas feições eram idênticas a de um humano e o pior de tudo: eram iguais às de Lucy.

– He, he, he – a criatura soltou novamente a risada; os espinhos em suas costas retrocediam para dentro do corpo.

Lucy ficou em estado de alerta, afinal não sabia o que poderia vir dali, e achou mais prudente abrir uma distância maior.

Os espinhos sumiram assim como a lâmina em sua mão direita, lanças negras começaram a aparecer no lugar dos dedos das mãos e asas negras brotaram em suas costas. As lanças começaram a ser disparadas na direção de Lucy. Ela, por sua vez, desviou da primeira, fazendo com que acertasse a parede do outro lado da piscina. O objetivo da garota era analisar o estrago que aquelas armas poderiam causar. Outra lança foi disparada e Lucy desviou, no entanto acabou acertando o concreto de umas das paredes do observatório e destruiu grande parte da primeira camada dela, criando um grande buraco. Se aquelas armas acertassem a cobaia em cheio seria provável que viria a óbito.

A cobaia sacou as suas lâminas e investiu contra a criatura. Enquanto avançava, desviou das lanças que voavam pelo caminho, sendo que algumas passavam raspando em seu corpo, mas não causavam nada além de arranhões e pequenos cortes.

A última veio direto em direção à cabeça de Lucy. Ela utilizou uma de suas lâminas para desviá-la em direção à piscina. O objeto atingiu a água com um baque surdo, fazendo uma grande quantidade do líquido voar para fora das bordas.

Alguns segundos depois, a garota e a criatura estavam trocando golpes com as lâminas. A força dos ataques delas era nivelada, porém com o tempo a criatura foi ganhando vantagem sobre a cobaia. Lucy não conseguiu aparar

um dos golpes e a lâmina da criatura acabou perfurando o seu braço direito, causando um grande corte, que começou a sangrar.

Com seu próximo ataque, a criatura conseguiu quebrar a defesa de Lucy e assim acabou criando uma brecha. A coisa chutou Lucy no peito com tamanha força que foi arremessada para dentro da piscina.

Lucy sentia uma dor imensurável em seu peito e no braço direito enquanto afundava. A garota acabou percebendo um grande borrão negro voando próximo ao teto do observatório, algumas protuberâncias escuras começaram a aparecer em seu campo de visão. Eram as lanças.

Não teria como desviar de todos os projéteis estando debaixo da água, então não tinha outra opção senão se transformar no que as pessoas de branco haviam criado. Quando entrava nesse modo a sua memória apagava, era como se entrasse em um sono profundo e outra pessoa tomasse o controle de seu corpo.

Tudo que viu quando retomou o controle foi o corpo da criatura pendurado em uma das lâminas dela, que havia atravessado o peito da sua adversária e acabara dilacerando tudo de vital que ali existia.

Algo chamou a atenção da garota: havia números gravados na pele da criatura: 4520.

Um pensamento fez Lucy tremer: *seria ela um clone meu? Pior, seria eu um clone dela?*